



# REDES

XII SEMINÁRIO INTERNACIONAL  
AS REDES EDUCATIVAS E AS TECNOLOGIAS  
TESSITURAS DE SOLIDARIEDADE E DE CONVIVÊNCIAS  
NOS DIFERENTES ESPAÇOS TEMPOS EDUCATIVOS

## MOVIMENTOS INSTITUINTES NOS COTIDIANOS DE *VIDA*FORMAÇÃO

Danusa Tederiche <sup>1</sup>  
Roberta Dias <sup>2</sup>  
Jane Marchon <sup>3</sup>

**Resumo:** O presente texto tem como objetivo apontar modos outros de *serestar* no mundo a partir de dois movimentos instituintes nos cotidianos de *vida*formação trazidos nas narrativas de *professoras*pesquisadoras que compartilham suas experiências em cotidianos escolares e não escolares para pensar a formação, a educação, a vida. A primeira narrativa busca fomentar uma reflexão acerca da inclusão da pessoa com deficiência após o processo de escolarização, quando em sua juventude passa a inserir-se no mercado de trabalho. A segunda narrativa traz uma reflexão para pensar as infâncias nos pós pandemia e suas formas outras de vivenciar o cotidiano escolar apontando caminhos possíveis para a educação das infâncias.

**Palavras-chave:** Infâncias, juventudes, narrativas, cotidianos.

### O mundo

Um homem da aldeia de Neguá, no litoral da Colômbia, conseguiu subir aos céus. Quando voltou, contou. Disse que tinha contemplado, lá do alto, a vida humana. E disse que somos um mar de fogueirinhas. — O mundo é isso — revelou —. Um montão de gente, um mar de fogueirinhas. Cada pessoa brilha com luz própria entre todas as outras. (Eduardo Galeano)

Iniciar esse texto trazendo Galeano, nos ajuda a contar histórias que ganham em seus capítulos narrativas do cotidiano que no entrelaçar das palavras traz experiências de *vida*formação. Elas serão compartilhadas em diferentes *tempos*espaços a fim de, nesse entrelaçar das histórias, encontrar modos outros de compartilhar cada *saber*fazer docente percebendo estes como caminhos possíveis nas práticas educativas.

Se somos um mar de fogueirinhas no mundo, como diz Galeano, as experiências aqui compartilhadas se propõem a dar a ver esse mundo que torna a passar pelo coração cada experiência vivida, que nos ajuda a reconhecer a diversidade, trazido na metáfora dos foguinhos como forma de reforçar a importância de cada sujeito em sua plenitude e complexidade.

---

<sup>1</sup> Doutoranda do PPGedu – UERJ/FFP - RJ, danusa.tederiche@hotmail.com

<sup>2</sup> Doutoranda do – PPGedu – UERJ/FFP - RJ, betadias3112@gmail.com

<sup>3</sup> Pesquisadora do grupo ALMEFRE – UERJ/FFP - RJ, janemarchoncc@gmail.com



# REDES

XII SEMINÁRIO INTERNACIONAL  
AS REDES EDUCATIVAS E AS TECNOLOGIAS  
TESSITURAS DE SOLIDARIEDADE E DE CONVIVÊNCIAS  
NOS DIFERENTES ESPAÇOSTEMPOS EDUCATIVOS

Percebemos o cotidiano da educação como um mundo composto por um mar de fogueirinhas que aposta na diversidade humana e acredita no potencial de cada sujeito entendendo que esta aposta é o caminho possível para uma educação outra.

### **Para começar, outros lugares**

Como primeira experiência instituinte de formação - aqui tomamos como base os estudos em Linhares (2007) entendendo que as experiências instituintes traz questões que nos provocam a olhar para os cotidianos escolares e com elas também pensar a formação docente, seja inicial e/ou permanente - trazemos para o presente uma ação que se dá fora do cotidiano escolar. A primeira pergunta que fica para pensarmos o que se pretende narrar nas próximas linhas é:

Depois da Educação Básica, como fica a inclusão da pessoa com deficiência?

As pessoas com deficiência são sujeitos que estão no mundo e precisam ter garantido seus direitos à cidadania. Como diz o decreto federal nº 186/2008 que aprova a convenção sobre os direitos das pessoas com deficiência: “Os Estados Partes se comprometem a assegurar e promover o pleno exercício de todos os direitos humanos e liberdades fundamentais por todas as pessoas com deficiência, sem qualquer tipo de discriminação por causa de sua deficiência” (BRASIL, art 4., 2008).

Pensando no campo da educação, embora haja alguns avanços nas políticas públicas de inclusão, tais movimentos ainda estão muito aquém do que apresenta a realidade social brasileira. Diante disso, pensando em ampliar o atendimento educacional especializado nas escolas públicas municipais, a Fundação Vale inicia um projeto chamado “Educação Inclusiva” executado pela Agência de Iniciativas Cidadãs – AIC, no qual teve sua primeira edição em 2017 com objetivo de ofertar formação continuada para profissionais que atuam junto a estudantes com deficiência e de implementar ou suplementar salas de recursos multifuncionais em diversos municípios e estados brasileiros como por exemplo Minas Gerais, Espírito Santo e Rio de Janeiro, tendo sua última edição em Congonhas – MG em 2021.



# REDES

XII SEMINÁRIO INTERNACIONAL  
AS REDES EDUCATIVAS E AS TECNOLOGIAS  
TESSITURAS DE SOLIDARIEDADE E DE CONVIVÊNCIAS  
NOS DIFERENTES ESPAÇOS TEMPOS EDUCATIVOS

A AIC é uma organização do terceiro setor (OSC) que promove diversas ações de mobilização social e formação e é nesse espaço não escolar que se dá o primeiro movimento instituinte de formação aqui narrado.

## **Meu chão da escola... da inclusão escolar para o mundo do trabalho**

Chego na AIC para compor parte da equipe junto com Luísa Camargos, uma jovem com Síndrome de Down. Dentre uma das atribuições esperadas de mim estava a produção de um *ebook* no qual contaria com a Luísa para produção do mesmo. E esse foi um grande desafio que me atravessava naquele momento. Assumir uma prática na qual se pautava a proposta do projeto - INCLUSÃO.

Tecer uma escrita em parceria da Luísa na produção desse *ebook* trazia para mim algumas inquietações: como efetivar a participação de uma pessoa com SD, de forma que a produção tivesse a sua marca? Que metodologias e estratégias eu poderia usar para que isso fosse possível?

Como primeiro movimento - pois além de ainda estarmos nos conhecendo, tivemos o desafio de construir esse laço de confiança, respeito e trabalho de forma virtual – propus a Luísa a leitura de pequenos textos, e que após isso ela respondesse algumas perguntas. Um segundo movimento foi marcar encontros para com ela tecer conversas e assim perceber e registrar suas falas, expressões, pensamentos e ideias. A atividade gerava os textos para o *ebook* e era, para mim, uma oportunidade de conhecer, a partir da própria narrativa dela, a história de vida da Lu. Esse projeto me permitiu dar os primeiros passos para trilhar uma nova caminhada, passos esses que só foram possíveis porque a caminhada nunca foi solo, sempre foi acompanhada da própria Luísa, que me guiava por todo o tempo, e de toda a equipe da AIC.

Estar na AIC, compor parte da equipe de colaboradores, participar dos diferentes e desafiadores projetos e sobretudo construir uma metodologia de trabalho com a Luísa tem sido oportunidades ímpares para mim, pois todos os dias posso me (trans)formar quanto professora, educadora, quanto profissional mesmo atuando em espaços não escolares, pois a educação está no mundo e nas relações que se constroem com o mundo. Por isso, posso afirmar que as relações construídas na AIC têm tornado a minha caminhada mais significativa e feliz e, sem medo de errar, eu posso afirmar que Luísa e as experiências vividas na AIC têm sido o meu chão da escola, com ela e nessa instituição que transpira cidadania aprendo cotidianamente sobre inclusão, sobre mobilização social, sobre humanidade, sobre a vida! (FARIA, no prelo).

A experiência vivida por Danusa, uma das autoras traz a luz a reflexão acerca da pergunta: Como fica a inclusão das pessoas com deficiência para além da Educação Básica? Quando convidada a atuar em espaço não escolar e a trabalhar com uma colega com síndrome de Down, ela se vê diante do despreparo em realizar um trabalho efetivamente inclusivo. Era preciso produzir um material escrito juntas, mas naquele lugar o seu papel não era o de uma formadora como na proposta do projeto “Educação Inclusiva” junto as escolas, tampouco seu



# REDES

XII SEMINÁRIO INTERNACIONAL  
AS REDES EDUCATIVAS E AS TECNOLOGIAS  
TESSITURAS DE SOLIDARIEDADE E DE CONVIVÊNCIAS  
NOS DIFERENTES ESPAÇOS TEMPOS EDUCATIVOS

papel era de uma AEE. Não se tratava de um espaço escolar e muito menos Luísa estava no papel de aluna. Como colegas de trabalho precisavam encontrar juntas o modo de fazer.

Retomando a discussão com Linhares são nas relações instituintes que encontramos “formas de aprender e ensinar, com curiosidade e empatia em relação à vida e com um sentimento de solidariedade aberto às incluídas (2007)”. Se nas escolas públicas, “as experiências instituintes procuram diferir em movimentos criadores e estremecer o que foi organizado pela história” (*idem*), nela não encontramos o que fora organizado para uma inclusão no ambiente não escolar. Também não é isso que estamos procurando. O que esperamos é estremecer também nesses espaços outros um movimento criador de promoção da inclusão para além do cumprimento de políticas de cotas trabalhistas. Um movimento que fomente a inclusão da pessoa com deficiência depois da Educação Básica, uma inclusão de formação para vida.

Com essa mesma curiosidade e empatia com relação a vida, buscamos caminhos para a realização do trabalho cotidiano. Nos encontros, nas conversas, nas trocas, nas vivências. Numa relação de trabalho, mas, sobretudo numa relação de vida, foi possível construir os *saberes-fazer* no cotidiano profissional, fomentando o protagonismo da ação, com aposta na autonomia para promoção da inclusão.

## **Afetividade e infâncias, caminhos para uma educação respeitosa**

A segunda narrativa que será apresentada faz uma discussão, pensando como o registro do vivido em narrativas contribuem para pensarmos a prática docente cotidiana, repensando rotas e caminhos para uma educação que acolhe e se movimenta para a transformação. Através da experiência de vida formação de duas professoras da Educação Infantil, Juliana e Roberta, narrando as experiências vividas durante os três anos em que acompanham um grupo de crianças dos três aos cinco anos em uma escola de horário integral.

Iniciamos trazendo um breve contexto do espaço físico e localização da escola e em seguida os caminhos percorridos. A Unidade Municipal de Educação Infantil (UMEI) em que se passa a experiência narrada, fica em um bairro periférico do município de Niterói, sendo considerado o bairro com o menor Índice de Desenvolvimento Humano - IDH da cidade. O prédio, que foi construído para alojar a unidade, possui três andares, porém, conta com apenas



# REDES

XII SEMINÁRIO INTERNACIONAL  
AS REDES EDUCATIVAS E AS TECNOLOGIAS  
TESSITURAS DE SOLIDARIEDADE E DE CONVIVÊNCIAS  
NOS DIFERENTES ESPAÇOS/TEMPOS EDUCATIVOS

dois espaços abertos sendo um deles não utilizado por oferecer “perigo às crianças”. O grupo de crianças acompanhadas pelas professoras, nasceram no ano de 2019, e com a necessidade do afastamento social em 2020 devido a pandemia do Covid-19, tiveram suas interações comprometidas. Assim, o primeiro contato com o ambiente escolar se fez cheio de atravessamentos. E entre os desafios e uns *cem números* de tentativas de caminhar com as crianças, muitas vezes as professoras viam-se “perdidas” em meio às questões vividas. As crianças expressavam-se ainda de forma violenta ao lidar uma com as outras crianças e com as professoras. Era difícil para elas estar/permanecer na escola, se alimentar, organizar-se corporalmente. A narrativa a seguir mostra um desses desafios cotidianos vividos no retorno presencial, ainda em tempos pandêmicos.

Bom dia!  
Bom dia Milena  
Bom dia Thalya  
Oi Esther Vitória, não precisa chorar, nós vamos nos divertir hoje, a mamãe vai voltar.  
Oi Benjamim, saudades de você, não precisa chorar, nós já vamos descer para o café.  
-Tia, a Rebecca não queria vir hoje, disse que tinha um amigo batendo nela.  
-Vou conversar com ela e com as professoras da tarde para saber o que aconteceu.  
Vamos fazer o trem para ir tomar café?  
Milena, na linha amarela  
Pedro Lucas, não pode passar à frente do amigo, não empurra  
Pietra, Ana Beatriz, mão no corrimão não é desse lado.  
Bom dia Pietro, vem com a tia Roberta, os amigos estão tomando café.  
Pietro, não faz isso, não é legal, não pode bater na tia...  
(Caderno de memórias, 2022)

O trecho dialoga com a experiência de *vidaformação* de duas professoras da Educação Infantil, que ao retornar do momento pandêmico em 2022, se vêm com um grupo de crianças de três anos com uma convivência social interrompida desde o seu nascimento, e um primeiro contato com a escola ainda com muitas restrições, traziam na agressividade e desorganização corporal as marcas de um tempo vivido.

Esse grupo apesar de desafiador, e em muitos momentos exaustivo, pois era necessário um reinventar-se cotidiano, um olhar outro para a escola e para o fazer docente, mostrou para as duas professoras que já não cabe mais a educação para as infâncias que não aponte caminhos para o protagonismo infantil, a afetividade e a amorosidade. As crianças demonstram com o



# REDES

XII SEMINÁRIO INTERNACIONAL  
AS REDES EDUCATIVAS E AS TECNOLOGIAS  
TESSITURAS DE SOLIDARIEDADE E DE CONVIVÊNCIAS  
NOS DIFERENTES ESPAÇOS TEMPOS EDUCATIVOS

corpo, falas e gestos a necessidade de explorar o mundo. A escola nem sempre oferece essa possibilidade, principalmente em espaços periféricos das cidades.

Segundo Bragança (2014) as biografias educativas nos mostram os caminhos percorridos na docência, e com eles aprendemos sobre o que somos, o que fazemos, o que pensamos. Dessa forma a escrita de narrativas biográficas educativas durante o ano de 2022, foi dando pistas as professoras de como a trajetória com as crianças havia sido difícil, mas o quanto, juntas, crianças e professoras haviam aprendido outras formas de *serestar* nesse espaço coletivo.

A turma 3B tem sido desafiadora, porém percebemos que a ideia que foi criada sobre aquelas crianças vinha mais do olhar de fora do que de dentro. E hoje queremos que seja visto o nosso olhar. As crianças são muito mais do que se tem falado sobre elas, muito mais do que a condição de Pedro e a violência de Hícaro. (...) As crianças do 3B foram expostas a muitas coisas que muitos de nós não vivemos, e tudo isso em um período em que nós mal terminamos uma graduação. Elas não foram poupadas, respeitadas e nem ouvidas. Aqui deveria ser esse lugar. Deveria. A 3B é muito mais do que Pedro e Hícaro. (Narrativa de Roberta e Juliana, dezembro de 2022)

O trecho trazido acima demarca o tempo em que esperar seguir com as crianças e tentar modos outros de estar com elas no espaço escolar teve início, assim como as propostas que apostaram na ancestralidade, no contato com a natureza, em cuidar de outros para aprender a cuidar-se surgiram para o ano de 2023. Os movimentos que surgem nos cotidianos, como o interesse pelos fenômenos naturais, o grande interesse por lendas, deram contornos sobre o fazer docente, a escuta atenta e o olhar mais devagar narrado por Larossa, auxiliando os processos que fizeram com que no ano de 2023, esse mesmo grupo de crianças, que muito pouco alterou-se do primeiro ano, conseguissem encontrar caminhos de diálogo e de aprendizado, que auxiliaram também na constituição de seus corpos, no entendimento de fazerem parte de um coletivo e de dialogarem para conviver. Os projetos deste grupo encontram na natureza o primeiro caminho, a partir da leitura de contos indígenas e africanos, as experiências de cultivo de diferentes plantas, cuidado e observação desses elementos da natureza, que foram constituindo um modo outro de *serestar* naquele espaço reduzido e cimentado, trazendo possibilidades de ver e estar para além das paredes. Os dias eram movidos de diálogos constantes, para juntos pensarmos formas possíveis de estar naquele espaço,



# REDES

XII SEMINÁRIO INTERNACIONAL  
AS REDES EDUCATIVAS E AS TECNOLOGIAS  
TESSITURAS DE SOLIDARIEDADE E DE CONVIVÊNCIAS  
NOS DIFERENTES ESPAÇOS TEMPOS EDUCATIVOS

respeitando os corpos, os espaços, de modos a atender os desejos e as necessidades de cada uma, entendendo o que era possível ou não enquanto grupo.

Os movimentos que surgem nos cotidianos deram contornos sobre o fazer docente, a escuta atenta e o olhar mais devagar narrado por Larossa, auxiliaram os processos que fizeram com que nos anos seguintes 2023/2024, esse mesmo grupo de crianças, que muito pouco alterou-se do primeiro ano, com suas professoras conseguissem encontrar caminhos de diálogo e de aprendizado, que auxiliaram também na constituição de seus corpos, no entendimento de fazerem parte de um coletivo e de dialogarem para conviver.

Os projetos desse grupo encontraram na natureza o primeiro caminho, a partir da leitura de contos indígenas e africanos, as experiências de cultivo de diferentes plantas, cuidado e observação desses elementos da natureza, que foram constituindo um modo outro de *serestar* naquele espaço reduzido e acimentado, trazendo possibilidades de ver e estar para além das paredes. Os dias eram movidos de diálogos constantes, para juntos pensarmos formas possíveis de estar naquele espaço, respeitando os corpos, os espaços, de modos a atender os desejos e as necessidades de cada uma, entendendo o que era possível ou não enquanto grupo.

No ano de 2024, esse mesmo grupo de crianças, agora com cinco anos, junto as suas professoras, pensam um caminho desde o organizar da sala, dos brinquedos, do que ficaria exposto, como organizar a rotina, para além do instituído, construindo em coletivo, entendendo que as crianças são sujeitos do espaço que habitam. Uma proposta a partir dos sentimentos, que surge através de desenhos e desejos por corações em vários espaços, traz possibilidades de pensar esse corpo que sente, que se movimenta, que explora, que ora se irrita e ora se aquieta, que chora e sofre. Envolvendo músicas, o sentir, as brincadeiras, a arte, um projeto surge para explorar o protagonismo das escolhas das crianças e o que seus corpos anseiam.

Verão de 2024,

Seguimos com as crianças. Lembra das crianças de 2022? Então, mais que a razão, coração, esperança, fé, não sabemos o quê, mas continuamos juntas. Talvez daqueles encontros que estão pré-programados, que precisavam acontecer, escrito no universo? Quem sabe?

Para esse recomeço, o segundo nesses três anos, deixamos a sala limpa. Não somente a poeira e a bagunça, mas limpa de ideias, aberta para as possibilidades.

O que precisamos aqui?

E qual nossa surpresa quando as respostas, além do que para nós seria o óbvio: a chamada, o calendário, veio com “uma cortina com corações e desenhos”.



# REDES

XII SEMINÁRIO INTERNACIONAL  
AS REDES EDUCATIVAS E AS TECNOLOGIAS  
TESSITURAS DE SOLIDARIEDADE E DE CONVIVÊNCIAS  
NOS DIFERENTES ESPAÇOS TEMPOS EDUCATIVOS

Aliás, corações em toda parte da sala para além das cortinas.  
Um desafio, um desconforto (daqueles que deixam “macaquinhos no sótão”).  
Uma ideia surge: vamos construir juntas e juntos a cortina?

E depois de muitas ideias, conversas e ajustes optamos por uma cortina de algodão cru, que foi toda desenhada pelas crianças com caneta de tecido e depois bordada por elas.

Uma bainha feita a muitas mãos, com cuidado para “não furar o dedo”, no tempo aión para ser significativo, em meio a conversas, cantoria, histórias e com instruções, enquanto encontravam um jeito de saberfazer.

Eu sei colocar (a linha na agulha), Olha! (lambendo a linha para colocar na agulha) – diz Elena

Como você aprendeu? – pergunta a Professora Roberta

Minha vó faz assim...

(Caderno de memórias da autora, abril de 2024)

No ano de 2024 o grupo de crianças, agora com cinco anos, constituído por nove meninas e nove meninos, pensam/elaboram junto às suas professoras, os caminhos a trilharem. Desde a organização da sala, dos brinquedos, do que ficará exposto, como organizarão a rotina, para além do instituído, construindo coletivamente, compreendendo-se como sujeitos do espaço que habitam.

A proposta que desencadeou as experiências desse ano, veio a partir do desejo das crianças em terem muitos corações na sala. Realizamos uma pesquisa com a questão: “Para que serve o coração?” que nos trouxe possibilidades de pensar esse corpo que sente, que se movimenta, que explora, que ora se irrita e ora se aquieta, que chora e sofre e ri. Demos continuidade nas conversas sobre os diferentes sentimentos que temos, e estas vêm se desdobrando em muitas propostas envolvendo, a arte e a música, construção de livros e elaboração de bordados, brincadeiras variadas. Um projeto que dar a ver o protagonismo, as escolhas, desejos e necessidade das crianças e respeita o que seus corpos anseiam.

## **Para seguirmos dialogando**

As narrativas de experiência de *vidaformação*, nos dão pistas do *saberfazer* docente em diferentes espaços formativos. Pensar a educação que envolva outras formas de *serestar* nesses espaços, repensando uma educação que vem se constituindo e multiplicando do mesmo modo desde em que foi sistematizada em espaços institucionais, tem se tornado urgente. As diferentes fogueirinhas brilham, existindo em suas singularidades. Assim precisam que os espaços que as





# REDES

XII SEMINÁRIO INTERNACIONAL  
AS REDES EDUCATIVAS E AS TECNOLOGIAS  
TESSITURAS DE SOLIDARIEDADE E DE CONVIVÊNCIAS  
NOS DIFERENTES ESPAÇOS TEMPOS EDUCATIVOS

recebem percebam e acolham suas diferenças, suas singularidades, suas potencialidades, sendo espaço de mais e de muitas.

## Referências

BRAGANÇA, Inês Ferreira de Souza. Sobre o conceito de formação na abordagem (auto)biográfica. *Educação*, Porto Alegre, v. 34, n. 2, p. 157-164, maio/ago. 2011

BONDIA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Rev. Bras. Educ.**, Rio de Janeiro, n. 19, p. 20-28, abr. 2002.

Linhares, Célia. Experiências instituintes na educação pública? Alguns porquês dessa busca. **Revista de Educação Pública**, Cuiabá/MT, v.6, n. 3, p.39-60, maio-ago. 2007.